

O PLANETA DO EXÍLIO

URSULA K.
LE GUIN





O PLANETA DO EXÍLIO

URSULA K.

LE GUIN



Coleção
Ciclo Hainish

Tradução
Marcia Men



MORROBRANCO
EDITORA



O Planeta do Exílio

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 1966 URSULA K. LE GUIN

ISBN: 978-65-6099-059-3

Translated from original Lavinia. Copyright © 1966 by Ursula K. Le Guin. ISBN 9781250781260. This translation is published and sold by arrangement with Tassy Barham Associates and Ginger Clark Literary, LLC., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catálogo Ass. Editorial, MS, Brasil)

G964p
1.ed. Guin, Ursula K. Le
O planeta do exílio / Ursula K. Le Guin ;
tradução Marcia Men. - 1.ed. - Rio de Janeiro :
Morro Branco, 2025.
160 p. ; 13,5 x 21 cm.
Título original: Planet of exile.
ISBN 978-65-6099-059-3
1. Ficção de fantasia. I. Men, Marcia.
II. Título.
04-2025/156 CDD 813.5
Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana
813.5
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutús
Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illyabelle Trajano
Produtora Editorial: Luana Maura
Tradução: Marcia Men
Copidesque: Nathalia Marques
Revisão: Ellen Andrade
Diagramação: Diego Santos



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



Este livro é dedicado à memória de Cele Lalli,

Don Wollheim e Terry Carr.

INTRODUÇÃO A
O PLANETA DO EXÍLIO
Ursula K. Le Guin

9

CAPÍTULO 01

17

CAPÍTULO 02

29

CAPÍTULO 03

42

CAPÍTULO 04

52

CAPÍTULO 05

61

CAPÍTULO 06

71

CAPÍTULO 07

82



CAPÍTULO 08

92

CAPÍTULO 09

100

CAPÍTULO 10

110

CAPÍTULO 11

118

CAPÍTULO 12

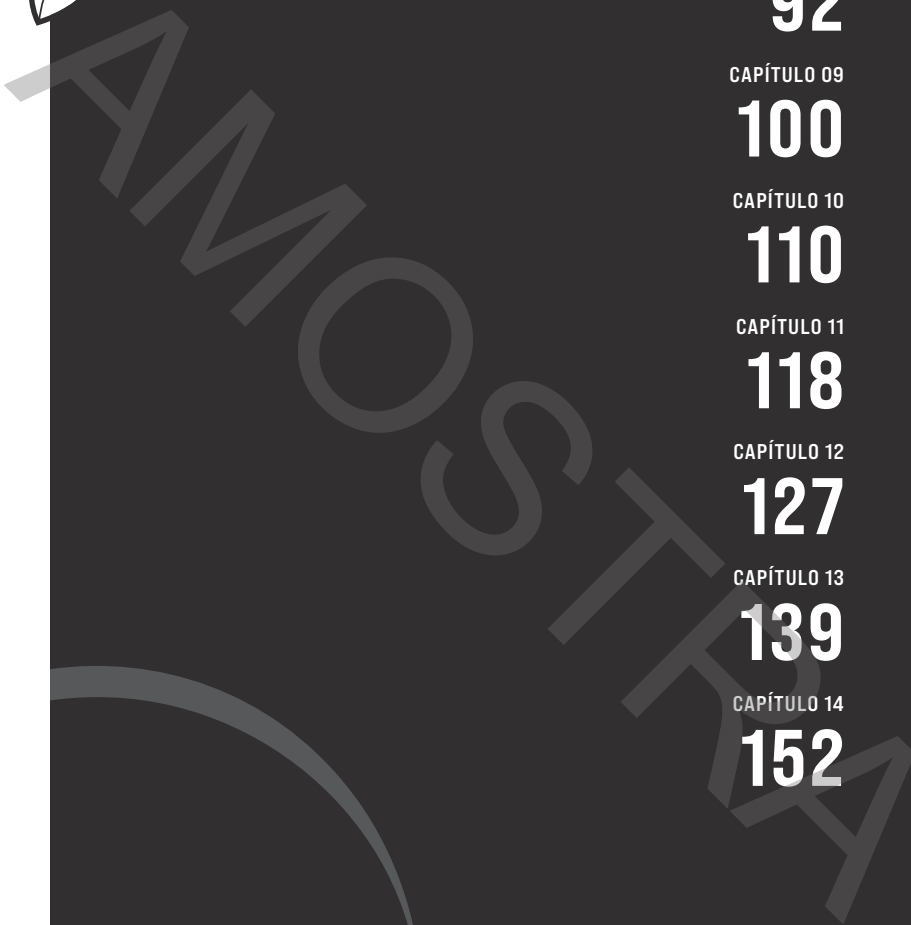
127

CAPÍTULO 13

139

CAPÍTULO 14

152





INTRODUÇÃO A

O PLANETA DO EXÍLIO

Ursula K. Le Guin

(1978)

Todos os autores de ficção científica ouvem com uma regularidade maravilhosa a pergunta: “De onde você tira suas ideias?”. Nenhum de nós sabe o que responder, exceto Harlan Ellison, que responde claramente: “Schenectady!”.

A pergunta virou piada, até um cartum na revista *New Yorker*; e no entanto, geralmente é feita com sinceridade, até mesmo anseio; não era para ser uma pergunta idiota. O problema com ela, o motivo pelo qual a única resposta possível é “Schenectady”, é que esta não é a pergunta certa; e não existem respostas certas para perguntas erradas — como testemunham as obras daqueles que tentaram descobrir as propriedades do flogisto. Às vezes, o problema é meramente uma questão de um fraseamento vago; o que a pessoa perguntando quer saber, na verdade, é “Na sua ficção científica, você tira a ciência de saber ou ler sobre ciência?”. (R: Sim.) Ou: “Autores de ficção científica roubam ideias uns dos outros?”. (R: Constantemente.) Ou: “A ação nos seus livros

vem de você ter vivido todas as experiências que seus personagens vivem?”. (R: Deus me livre!) Mas, às vezes, as pessoas perguntando não conseguem especificar; elas simplesmente se viram e dizem, bom, tipo, sabe como é... e aí desconfio que o que estão realmente tentando dizer é algo complexo, difícil e importante: elas estão tentando compreender a imaginação, como ela funciona, como um artista a utiliza ou é utilizado por ela. Sabemos tão pouco sobre a imaginação que não conseguimos nem fazer as perguntas certas a respeito dela, quanto mais dar as respostas certas. As molas da criação continuam insondadas pela mais sábia psicologia; e um artista com frequência é a última pessoa a dizer algo compreensível sobre o processo de criação. Embora ninguém mais tenha dito muito que faça sentido. Acho que o melhor ponto de partida está em Schenectady, lendo Keats.

Em anos recentes, eu (e apenas eu, nesse caso) sempre recebo uma segunda pergunta: “Por que você escreve tanto sobre homens?”.

Essa nunca é uma pergunta idiota. Também não é uma pergunta errada, de forma alguma, apesar de às vezes haver um viés nela que torne difícil responder diretamente. Há mulheres em meus livros e histórias e, com frequência, elas são as protagonistas ou as personagens cuja perspectiva é central; portanto, se as pessoas perguntam “Por que você sempre escreve sobre homens?”, respondo: “Eu não escrevo”, e digo isso um tanto zangada, porque a pergunta, quando colocada nesses termos, é ao mesmo tempo acusatória e imprecisa. Posso lidar com um pouco de acusação ou um pouco de imprecisão, mas a combinação é um veneno.

Porém, mais uma vez, e ainda, seja lá como a pergunta é fraseada, o que ela traz à tona é uma preocupação real e

urgente. Uma resposta leviana é detestável; uma resposta breve é impossível.

O Planeta do Exílio foi escrito em 1963-4, antes de o feminismo despertar de sua paralisia de trinta anos. O livro exhibe meu jeito inicial, “natural” (leia-se alegremente aculturado), adormecido, com inconsciente ainda não elevado de lidar com personagens masculinos e femininos. Naquela época, eu podia dizer com a consciência perfeitamente limpa, até autocongratulatória, que eu simplesmente não me importava se meus personagens eram masculinos ou femininos, desde que fossem humanos. Por que diabos uma mulher tem que escrever apenas sobre mulheres? Eu era despreziosa, sem nenhum senso de obrigação; portanto, autoconfiante, nada experimental, alegremente convencional.

A história começa com Rolery, mas logo o ponto de vista muda para Jakob e para Wold, e depois volta para Rolery, e então sai dela de novo: é uma história com pontos de vista alternados. Os homens são mais explicitamente ativos e muito mais articulados. Rolery, uma mulher jovem e inexperiente em uma cultura rigidamente tradicional e de supremacia masculina, não luta, não inicia encontros sexuais, não se torna uma líder da sociedade, nem assume qualquer outro papel que, na cultura dela, ou na nossa de 1964, seria rotulada como “masculina”. Ela é, entretanto, uma rebelde, tanto social quanto sexualmente. Embora seu comportamento não seja agressivo, seu desejo por liberdade a leva a sair totalmente dos moldes de sua cultura: ela se transforma inteiramente, aliando-se com um eu alienígena. Ela escolhe o Outro. Essa pequena rebelião pessoal, vinda em um momento crucial, desencadeia eventos que levam à mudança completa e à reconstrução de duas culturas e sociedades.

Jakob é o herói, ativo, articulado, correndo por aí lutando bravamente e governando diligentemente; todavia, a pessoa central a colocar em movimento os eventos do livro, a *pessoa que escolhe* é, na verdade, Rolery. O taoísmo chegou a mim antes do feminismo moderno. Onde alguns podem enxergar apenas um Herói dominante e uma Mulherzinha passiva, eu enxerguei, e ainda enxergo, o desperdício essencial e a futilidade da agressão e a profunda eficácia de *wu wei*, “ação por meio da imobilidade”.

Tudo muito bem; ainda assim, permanece o fato de que, neste livro, assim como na maioria dos meus outros livros, os homens fazem a maior parte das ações, nos dois sentidos da palavra, e assim tendem a ocupar o centro do palco. Eu “não me importava” se meu protagonista era homem ou mulher; bem, essa despreocupação é um descuido culposos. Os homens tomam conta.

Por que alguém permite isso? Bem, é muito mais fácil escrever sobre homens fazendo coisas, porque a maioria dos livros sobre pessoas fazendo coisas falam de homens, e essa é a tradição literária da pessoa... e porque, como mulher, a pessoa provavelmente não fez muito no sentido de lutar, estuprar, governar etc., mas observou homens fazerem essas coisas... e porque, como Virginia Woolf apontou, a prosa inglesa é inadequada à descrição do feminino sendo e fazendo, a menos que a pessoa, até certo ponto, a refaça do zero. É difícil romper com a tradição; difícil inventar; difícil refazer sua língua materna. A pessoa acaba seguindo a maré e pegando a saída fácil. Nada pode animar alguém a ir contra a maré, a optar pela saída mais difícil, exceto uma consciência profundamente agitada e provavelmente raivosa.

Mas a consciência *deve estar* raivosa. Se ela tentar argumentar consigo mesma para chegar à raiva, produzirá apenas culpa, que sufoca o regato da criação na fonte.

Eu, com frequência, sou muito raivosa enquanto mulher. Minha raiva feminista é um elemento, uma parte, da fúria e do medo que me arrebatam quando encaro o que estamos todos fazendo uns aos outros, à terra, e à esperança de liberdade e vida. Eu ainda “não me importo” se as pessoas são homens ou mulheres quando elas são todos nós e todas as nossas crianças. Uma alma aprisionada injustamente, devo eu perguntar qual é seu sexo? Uma criança passando fome, devo perguntar qual é seu sexo?

A resposta de algumas feministas radicais é sim. Aceita a premissa de que a raiz de *toda* injustiça, exploração e agressão cega é a injustiça com base no sexo, essa postura faz sentido. Eu não posso aceitar a premissa; logo, não posso agir com base nela. Se eu me forçasse a isso — e minha forma de agir é escrever —, eu escreveria mal e desonestamente. Devo sacrificar o ideal de verdade e beleza para poder provar um argumento ideológico?

Novamente, a resposta das feministas radicais pode ser sim. Apesar de essa resposta ser às vezes idêntica à voz do Censor, falando meramente a favor da intolerância autoritária ou fanática, ela pode não ser: pode falar a serviço do ideal em si. Para construir, é preciso acabar com o antigo. A geração que precisa colocar isso em prática tem toda a dor da destruição e pouco da alegria da criação. A coragem que aceita essa tarefa e toda a ingratidão e o opróbrio que a acompanham está além de qualquer elogio.

Mas isso não pode ser forçado ou falsificado. Se for forçado, leva apenas a rancor e autodestruição; se for falsificado,

leva ao Feminismo Chic, o sucessor do Radical Chic. Uma coisa é sacrificar a realização em nome de um ideal; outra é suprimir o pensamento claro e o sentimento honesto em nome de uma ideologia. Uma ideologia só tem méritos quando é usada para *intensificar* a clareza e a honestidade de pensamento e sentimento.

A ideologia feminista tem tido um mérito imenso para mim nesse aspecto. Ela forçou a mim e a todas as mulheres pensantes desta geração a se conhecerem melhor; a separarem, amiúde muito dolorosamente, aquilo que realmente pensamos e acreditamos de todas as “verdades” e “fatos” fáceis que nos foram ensinados (subliminarmente) sobre ser homem, ser mulher, os papéis de cada sexo, fisiologia e psicologia femininas, responsabilidade sexual etc., etc. Com muita frequência descobrimos que *não tínhamos* uma opinião ou crença próprias, mas que havíamos simplesmente incorporado os dogmas de nossa sociedade; assim, precisamos descobrir, inventar, construir nossas próprias verdades, nossos valores, nós mesmas.

Essa reconstrução da mulher em si é uma liberação e um alívio para aquelas que querem e precisam do apoio de um grupo, ou aquelas cuja condição feminina foi sistematicamente insultada, degradada, explorada na infância, no casamento e no trabalho. Para outras, como eu, cujo grupo de pares não serve como lar e que não foram alienadas de seu próprio existir-enquanto-mulheres, essa tarefa de autoanálise e autoparto não vem com facilidade. “Eu gosto de mulheres; eu gosto de mim mesma; por que bagunçar tudo isso?” — “Eu *não me importo* se eles são homens ou mulheres.” — “Por que diabos uma mulher tem que escrever apenas sobre mulheres?” Todas essas perguntas são válidas; nenhuma tem

uma resposta fácil; mas elas devem, agora, serem *perguntadas e respondidas*. Uma ativista política pode tirar suas respostas da ideologia corrente em seu movimento, mas uma artista precisa desencavar essas respostas em si mesma, e continuar escavando até saber que chegou o mais próximo possível da verdade.

Eu continuo escavando. Uso as ferramentas do feminismo e tento descobrir o que me faz trabalhar e como trabalho, de modo que eu não trabalhe mais na ignorância ou com irresponsabilidade. Não é um negócio curto ou fácil; a pessoa está apalpando no escuro da mente e do corpo, bem, bem longe de Schenectady. Como sabemos realmente pouco sobre nós mesmos, sejamos mulheres ou homens!

Uma coisa que percebi é que a “pessoa” sobre quem costumo escrever com frequência não é exatamente, ou não totalmente, nem homem nem mulher. No nível superficial, isso quer dizer que há poucos estereótipos sexuais — os homens não são lascivos e as mulheres não são lindas — e o sexo em si é visto como *um relacionamento, em vez de um ato*. Sexo serve principalmente para definir gênero, e o gênero da pessoa não é esgotado, nem sequer abordado devidamente, pelo rótulo “homem” ou “mulher”. Na realidade, tanto sexo quanto gênero parecem ser usados principalmente para definir o significado de “pessoa”, ou de “si mesmo”. Certa vez, quando comecei a despertar, eu fechei o relacionamento em uma pessoa, um ser andrógino. Mas com mais frequência ele aparece de maneira convencional e aberta como um casal. Os dois em um, ou dois formando um todo. Yin não ocorre sem yang, nem yang sem yin. Uma vez me perguntaram qual eu julgava ser o tema central e constante em meu trabalho, e eu respondi espontaneamente: “Casamento”.